



Os espaços dialéticos em *Pão cozido debaixo de brasa*, de Miguel Jorge

The dialectical spaces in *Pão cozido debaixo de brasa*, by Miguel Jorge

Ozírís Borges Filho¹

Carla Reis de Oliveira²

Resumo: O presente trabalho tem como tema *Os espaços dialéticos em Pão cozido debaixo de brasa, de Miguel Jorge*. Composto de dois núcleos espaciais que se entrelaçam no decorrer da narrativa, o narrador de Miguel Jorge apresenta interessantes protagonistas sempre com o anseio de transpor-se para um lugar melhor. Esse trabalho pretende explicar como se constitui a representação da dialética espacial.

Palavras-chave: Espaço. Dialética. Personagem.

Abstract: The present work has as its theme *The dialectical spaces in Pão cozido debaixo de brasa, by Miguel Jorge*. Composed of two spatial cores interwoven throughout the narrative, the narrator of Miguel Jorge presents interesting protagonists always with the desire to transpose to a better place. This paper aims to explain how it is the representation of spatial dialectic. The method used for the realization of this article is the analysis and interpretation of literature theories that correlate.

Keywords: Space. Dialectic. Character.

Introdução

Este trabalho analisa o espaço, enfatizando a estrutura da casa e da cidade *Em Pão cozido debaixo de brasa* (1997). Do escritor goiano Miguel Jorge, foi publicado em 1997 e nesse mesmo ano ganhou o Prêmio Machado de Assis 1997 de Literatura da Biblioteca Nacional. Esta obra apresenta dois núcleos espaciais que acontecem de modo independente um do outro.

Para esta análise utilizaremos o conceito de Topoanálise. De acordo com Borges Filho (2007, p.33) a Topoanálise, não somente analisa a vida íntima como afirma Bachelard (1989), mas também as inferências sociológicas, filosóficas, estruturais. Ainda a vida social e todas as relações do espaço com a personagem seja no âmbito cultural ou natural. Portanto, serão analisados os espaços e sua relação com as vivências e as experiências das personagens.

¹ Doutor em Estudos literários. Professor do Mestrado em Estudos da Linguagem da UFG/Câmpus de Catalão. Bolsita PET.

² Mestranda do Programa de Mestrado em Estudos da Linguagem da Universidade Federal de Goiás, Câmpus Catalão. Bolsista Capes.

A análise e interpretação serão realizadas em harmonia com as teorias que estabelecem analogia com a temática proposta, visando revelar sua espacialidade. Portanto utilizaremos as perspectivas de Bachelard, Borges Filho, Osman Lins, Joseph Frank, entre outros, com o intuito de demonstrar a estrutura espacial dialética e seus efeitos de sentidos na obra em questão.

A estrutura espacial

... nesse texto ideal as redes são múltiplas e se entrelaçam sem que nenhuma possa dominar as outras ... Roland Barthes

É notória a valorização espacial em *Pão cozido debaixo de brasa* (1997). Portanto, esse trabalho analisa os espaços dialéticos nesse romance. A obra foi estruturada através de recursos de fragmentação, os sentidos são gerados a partir do processo de dinamização. Seus espaços foram organizados de forma criativa, os dois enredos se entrelaçam, proporcionando às duas histórias e à obra movimento e vivacidade.

Este romance caracteriza-se pela dubiedade espacial *a priori* a partir dos subespaços que se revezam no constituir da narrativa. A obra não segue um padrão de narrativa contínua, é a descontinuidade dialética que compõe *Pão cozido debaixo da brasa*. Na história de Felipa, o contexto espacial é a cidade:

A cidade arregalava os olhos mal dormidos e via as pessoas como se fossem outras. Os rostos ainda amassados pelo travesseiro. A cidade tinha pressa e se movia. Rodava. Sacudia os corpos de alguns que, ainda bêbados, monologavam. Acesa, a cidade pesava mais. E ficavam, soltas nos ares, misturas de línguas, de gestos, de cortes, de mortes. Havia tempo, agora, para se ver melhor os campos, os arredores. Ver e não serem vistos. (JORGE, 1997, p. 41)

A cidade personificada com suas múltiplas faces, ela age nas duas narrativas através da pulsão do olhar, é questionadora das questões sociais. Essa figura dá uma relevância a mais ao espaço. Ele se torna tão importante que é recebe características humanas.

Temos nesse trecho uma apresentação do espaço, em um aspecto geral nesse enredo, onde acontecem as experiências da protagonista Felipa. O espaço aberto, a amplitude, a vastidão são característicos das aventuras de Felipa. O narrador nos

apresenta a cidade ao amanhecer. As pessoas acordando. Pessoas que não fazem ideia de quem seja o outro que passa pela rua ou que mora na casa ao lado. Não querem saber sobre a situação do outro. Representa a correria dos centros urbanos onde há uma diversidade de pessoas com origem, cultura e costumes diferentes. Ao mesmo tempo, o narrador nos diz que apesar de a cidade estar em seu ritmo acelerado, em constante movimento, que mesmo sendo somente mais uma pessoa em meio à correria da cidade, a protagonista tem uma visão ampla do que se passa ao seu redor.

Na outra história, protagonizada por Adam, apesar de existirem também a escola e o chalé, é na casa que se concretizam maior parte as suas experiências. Portanto, neste trabalho escolhemos analisar esse espaço em que ele vive. O contexto espacial onde vemos grande parte de suas vivências. No trecho abaixo o temos a descrição do quarto do adolescente:

O seu cheiro se espalhava agora pelo quarto: nas roupas, nos armários, na cama. Posters de mulheres, de carros, de surfistas de paisagens, alguns dos seus heróis de rock espalhavam-se pelas paredes. Ele mesmo, num retrato antigo, irrigando a terra, com seu mijo grosso. (JORGE, 1997, P. 26)

Vemos o quarto do protagonista. Por ser um adolescente, os objetos que decoram esse cômodo da casa, pôsteres de mulheres, carros, etc.; condiz com sua situação. O espaço restrito, fechado, como no trecho acima, é característico da história de Adam.

Apesar de serem dois enredos diferentes, ambos se passam no mesmo espaço, a cidade de Goiânia. Os dois enredos que compõe a obra se entrelaçam, as histórias se revezam, fazendo analogia aos movimentos de ir e vir. Ora nos vemos dentro da casa de Adam/Adão, ora passeamos nas ruas da cidade de Goiânia. Assim é possível perceber que o narrador se preocupou com a arquitetura espacial do que com a temporal deste romance. Para Frank (1991) para serem compreendidas simultaneamente as palavras, e, por extensão o texto, não é necessário que ocorra sempre uma sucessão temporal, desde que estejam justapostos “pois embora eles sigam um ao outro no tempo, seu significado não depende dessa relação temporal.”(FRANK, 1991, p. 29). A obra não segue uma sucessão temporal, os dois enredos estão justapostos. Os espaços das duas histórias diferem uma da outra. A partir da fragmentação dialética textual, composta pelo revezamento das duas histórias, podemos dizer que dois subespaços no mesmo romance totalizam uma mesma obra.

Coordenadas espaciais e seus efeitos de sentido

Como dito anteriormente, o romance se passa no mesmo espaço, a cidade de Goiânia e subdivide-se em alguns subespaços. A escola, o chalé, a casa no enredo e Adam. No enredo de Felipa a Cidade, as ruas, a casa, entre outros. Neste trabalho serão analisadas a casa e as ruas.

Na Topoanálise podemos analisar a obra literária considerando as coordenadas espaciais presentes no texto. De acordo com Borges Filho (2007, p. 60) temos no texto literário a possibilidade de verificar sua espacialidade a partir de estruturas bipolares. Encontramos a amplitude espacial, ou seja, o espaço pode ser vasto e /ou restrito, temos a verticalidade quando a espacialidade é constituída pelos tópicos alto/baixo, a frontalidade que se divide em diante/atrás, entre outros. A partir dessas estruturas espaciais é possível perceber os mais variados efeitos de sentidos presentes no texto.

Ao analisarmos o espaço na obra literária é necessário também compreender a relação que este estabelece com as experiências das personagens. Para Osman Lins (1976) o processo de caracterização do espaço, “atende às relações do espaço com o fluxo da narrativa, envolvendo, como foi dito, narrador e personagens. (LINS, 1976, p. 85)”. Para compreendermos o espaço é necessário analisar suas características, estabelecendo relação com as vivências e experiências das personagens e/ou narrador, considerando seu percurso espacial no decorrer da narrativa.

Na narrativa do protagonista Adam/Adão é característico o espaço fechado, o ambiente é sempre diurno, organizado, limpo, perfumado, como vemos em Jorge (1997, p. 29) “Os móveis destacavam-se, agora, na organização cuidadosa de Ziza. As gravuras nas paredes, as cortinas brancas, as jarras com flores, o que era uma forma da casa permanecer calma”. Nessa passagem temos a casa de Adam que está em perfeita harmonia. As cortinas brancas representando a limpeza, a decoração na parede e pela casa revelam o cuidado que a mãe tem com o lar. O próprio narrador reforça a ideia de que a casa é organizada cuidadosamente, proporcionando a sensação de paz para esse espaço.

Temos ainda a dialética na amplitude espacial. Borges Filho (2007, p. 57) explica que ao analisarmos o espaço na obra literária não podemos deixar de verificar em que medida a “amplitude está representada no texto, ou seja, de que forma está figurativizado o par vasto X estrito.” Na obra em foco, cada enredo possui suas dimensões opostas ao do outro. No núcleo espacial do protagonista Adam/Adão o espaço é a casa, a escola e o chalé, ou seja, os três são espaços fechados, restritos e até mesmo reduzidos. A exemplo disso, temos a caracterização da casa onde o protagonista vive com sua mãe e ao

mesmo tempo identificamos a relação sentimental desse personagem com o espaço em que ele vive. Verificamos esse trecho em um dos capítulos intitulados “Esboço para um diário”, onde Adam/Adão, ao dialogar com o seu interlocutor fictício denominado “Viola”, passa a ser o narrador e posiciona-se acerca dos conflitos que permeiam suas experiências:

Sabe, Viola, fosse apenas eu e Ziza, com o pão, o leite, a carne sobre a mesa. A cama. Fosse apenas, todos os dias, dormir e despertar com o corpo e o espírito arrumados, com a sensação de um novo sonho, sem pesadelos. Fosse apenas o nosso mundo a rodar com a máquina de costura de Ziza, as agulhas que enchem de linhas seus desenhos de pássaros, de flores, abelhas, borboletas, rosas. As meadas e suas inúmeras cores. Fosse apenas a organização da casa, sem disfarces.

A ternura de Ziza, sua graça, cheia de ave-marias, que sustenta a mesa, o teto, as paredes. O rumo igual de todos os dias. Mas existe Yussef, as malas remexidas no quarto, as suas meias, seus sapatos. (JORGE, 1997, p. 52)

Temos as características espaciais da habitação de Adam, como o capricho de Ziza com a alimentação, a organização e limpeza da casa, a paz cotidiana que envolve a vida da mãe e do filho. Nessa passagem temos a impressão de um lar aconchegante. Contudo, também demonstra a angústia do adolescente ao imaginar outro homem vivendo em sua casa, invadindo seu espaço, desorganizando-o, compartilhando de suas experiências cotidianas e do que ele mais ama, a sua mãe.

No início do primeiro capítulo encontramos o conflito psicológico do protagonista ao fugir da realidade, mergulhar-se em seus pensamentos e a aflições. O narrador nos apresenta o espaço da história de Adam/Adão, verificamos isso na indagação, “O que Ziza está fazendo, senão procurá-lo por toda a casa?” (p.23). A mãe do adolescente empreende uma busca pelos cômodos da casa, procurando por Adam/Adão. Ela está mais do que tentando encontrá-lo, mas também ela deseja conhecer seus segredos, seus pensamentos mais íntimos. O narrador deixa explícito através que a casa é o espaço em que se passam as experiências das personagens desse núcleo espacial.

Ao contrário dos espaços do protagonista Adam, no núcleo de Felipa o espaço onde acontecem todos os principais conflitos do romance é a rua, as avenidas, os

campos, portanto a espacialidade característica desse meio é primordialmente o espaço aberto, amplo, extenso:

Da cidade mal dormida, escorriam gosmas, cochichos, gemidos. De certo, isso ainda era o início, pois haveriam de ver e de ouvir muito mais. A cidade se dividia em três ou quatro. Numa das faces, podia-se ver os reflexos dourados, na outra, a procura do rumo da vida e, numa terceira ainda, aqueles que já estavam caídos, estirados sobre as águas fedorentas dos esgotos, por onde os ratos se adestravam em seus movimentos curtos e rápidos. Alguma coisa causava repulsa em Felipa e espanto em João Bertolino. (JORGE, 1997, p. 72)

A cidade personificada tem características humanas, ela, como o homem na exaustidão de seu cotidiano, se assemelha ao ser humano, pois exprime sensações. O narrador classifica a cidade e a divide em três camadas, podemos imaginá-la comparando-a com a realidade, onde socialmente e concretamente há o jogo entre o centro e à margem, entre o opressor e o oprimido. Dessa forma, temos, mais uma vez o “efeito de real”. Já que há o discurso ficcional apropria-se de fatos sócio-histórico, representando camadas sociais da realidade verificáveis universalmente. A primeira, a classe, é daqueles detentores do poder e do dinheiro, no texto representado pela cor dourada, a cor do ouro. A segunda como o espaço daqueles que ainda esperar vencer na vida, a classe dos trabalhadores, dos estudantes, que lutam dia após dia por seu sustento e sobrevivência. Por fim, a camada da cidade que ele mais destaca, a camada da grande maioria. Verificamos que o texto nos diz que a relação das personagens com esse espaço é negativo. A sua relação experiencial e vivencial nesse espaço é caracterizado pela repulsa e pelo espanto consecutivamente, causados pelo espaço do sórdido, do sujo e do nojo.

Temos ainda na passagem anterior a percepção dos espaços da cidade através dos gradientes sensoriais. As gosmas podem ser percebidas através do tato, e cochichos e gemidos através da audição. Temos a visão quando as personagens visualizam os reflexos dourados, este é o lugar onde vive a camada poderosa da sociedade. Temos o olfato com a percepção do odor ocasionado pela água fétida dos esgotos. Com isso, Temos também a caracterização do ambiente. De acordo com Borges Filho (2007), “[...] define-se ambiente como a soma do cenário ou natureza mais a impregnação do clima

psicológico, ou seja, devemos considerar o espaço sob as impressões psicológicas das personagens, assim, nesse trecho Felipa e João Bertolino observam a cidade personificada, mal dormida e sofrida, enquanto o narrador explica as impressões que os dois sentem por este espaço.

Percebemos nessa passagem que o narrador demonstra a margem da cidade, um lugar desconfortante, sujo, triste, sofrido. Seu espaço é caracterizado pela pobreza, miséria, sujeira, odor. Assim, ao passo que ele reconta os fatos históricos referentes à tragédia do césio 137, ele também desvela a realidade sócio-histórica de caráter universal, pois, podemos encontrar em qualquer meio social, o oprimido que vive em meio às margens da sociedade em contrapartida ao opressor que vive no topo social.

Nesse núcleo espacial, da protagonista Felipa predomina o espaço aberto, o ambiente é noturno, caracterizado pela desordem, pela miséria, pelo lixo e pelo entulho. A relação experiencial das personagens nesses espaços, tanto um quanto o outro exerce efeito negativo, ou como explica Borges Filho (2007, p. 158) esses espaços são tidos com o que ele classifica como espaços topóforos, ou seja, sob o ponto de vista dos dois protagonistas os espaços em que vivem são maléforos, negativos, desconfortantes.

Em um momento inicial da narrativa esses espaços revelam características negativas de sujeira e de desordem, todos gritam, falam ao mesmo tempo, como vemos no trecho a seguir: “Fazem de conta que a cidade é como um campo de ferro, por onde eles caminham, e falam, e gritam, à vontade, abrindo trilhos pelos quintais, charcos, vales abandonados.” (JORGE, 1997, p. 34). Não temos uma figura de retórica, a comparação especificamente. Quando o narrador utiliza o termo conectivo “como”, ele afirma que as características da cidade se assemelham a um campo de ferro. Ele salienta as dificuldades que Felipa, seu marido e Nec-Nec encontrarão ao transitarem pela cidade, percebemos isso quando pensamos na dureza do ferro. Temos os empecilhos que o trio encontra pelo caminho: eles terão ainda que abrir os caminhos, passar por poços de lama e sujeira e ainda andar por vales abandonados. São personagens à margem da sociedade, tudo conspira contra eles. Portanto, esse espaço é negativo, maléforo, disfórico.

Após o desfecho do núcleo espacial de Felipa é perceptível no texto a vastidão espacial, porém as propriedades espaciais contrastam com as características vistas no início do enredo. Agora o espaço remete a organização, a felicidade. “E agora desciam num campo de flores, mapa aberto de tanta clareza. (JORGE, 1997, p. 231).” Percebemos agora um espaço que nos remete à beleza, ornamentado por flores. Também claro, luminoso, facilitando a transitoriedade de Felipa e seus companheiros.

Nesse núcleo espacial, as personagens vivem em espaços que possibilitam a mobilidade, a transposição de um lugar para outro, sempre buscando transpor-se para espaços onde a relação sentimental entre personagem e espaço é confortável, positiva, ou como explica Borges Filho (2007, p.157) no que tange à relação sentimental, experiencial, vivencial entre personagem e espaço, quando esta se dá de forma afetiva positiva, quando a personagem se sente bem nos espaços em que se encontra, ele é benéfico, construtivo, eufórico. Nesse caso temos a topofilia.

Mais uma vez encontramos a temática dialética em *Pão cozido debaixo de brasa*. As vivências e experiência das personagens se concretizam também a partir de outras duas coordenadas espaciais, a vertical e a horizontal, caracterizada pela frontalidade, ou seja, pelos polos diante e atrás. O eixo da verticalidade é bastante presente no decorrer da narrativa. Sob a perspectiva de Borges Filho (2007, p.57):

[...] o topoanalista deverá verificar no eixo vertical as coordenadas alto X médio X baixo [...]. Se na obra esse eixo for tematizado, então se deve verificar quais são os valores que o impregnam. Geralmente, mas não sempre, a axiologia desse eixo é figurativa pelas ideias de céu X terra X subterrâneo.

A exemplo dos pressupostos de Borges Filho, as experiências que envolvem o universo de Adam/Adão, estão na maioria das vezes voltadas para o eixo vertical. O adolescente percebe uma presença advinda a partir dessa coordenada, especificamente do teto de sua casa:

Teve tempo para olhar para o teto, desconfiado. Alguém se instalara lá? [...] Voltou os olhos agudos para o teto, tinha a nítida certeza de que os ruídos vinham de lá.

– Não vê que está atraindo a atenção de Adão, com seus movimentos de asas, Anjo Novo? (JORGE, 1997, p. 26).

Os sentidos presentes nessa vivência do protagonista remetem-nos ao par simbólico alto/céu, o céu nos remete ao que é divino e se localiza no alto. Nessa passagem, os Anjos velam o garoto e estão localizados no alto. “Os anjos formam o exército de Deus, sua corte, sua morada. (CHEVALIER, GHEERBRANT, 2012, p. 61).” Ao

analisarmos o que entendemos por “Anjo”, uma das possíveis interpretações é a de que o anjo é uma criatura divina e que habita no céu.

Ainda no eixo da verticalidade, temos também na casa as duas extremidades: o sótão (alto), o porão (baixo). Mais do que a estrutura bipolar da casa, a verticalidade demonstra características análogas à condição psicológica do adolescente. Verificamos isso quando ele está envolto por seus pensamentos no seguinte diálogo:

– Adam, venha, vamos sair desse sótão úmido.

O corredor. O quarto. Havia árvores pelas paredes, desenhadas por sua mente? [...].

– Adam, está me ouvindo? Vamos sair deste porão se me faz o favor.

Quanto mais preocupada mais bonita. Ela estava querendo tomar conta dos seus pensamentos? (JORGE, 1997, p. 23)

Temos o eixo vertical alto, representado pelo sótão. Também indica que o adolescente está concentrado em seus pensamentos, em sua imaginação. Em seguida notamos o outro polo que também representa que Adam/Adão escondido em seu subconsciente, o eixo vertical baixo, o porão.

O porão e o sótão configuram a espacialidade dialética, através da bipolaridade alto X baixo. Todavia estes também podem simbolizar o subconsciente de Adam/Adão, quando ele se detém em momentos de reflexão ou de crise.

Bachelard (1989, p.28), explica essa configuração espacial, esse momento de introspecção do protagonista “quando a casa se complica um pouco, quando tem um porão e um sótão nossas lembranças têm refúgios cada vez mais nem caracterizados”. Os conflitos íntimos de Adam/Adão faz com que ele se esconda em seus pensamentos. O espaço porão/sótão estabelece analogia com os sentimentos do adolescente. Demonstram que ele se encontra envolvido em algum impasse, representados pela umidade e pela escuridão característicos desses compartimentos da casa. Porém, em oposição a isto, Adam está à procura de uma solução, no sótão ele está tentando racionalizar, clarificar suas ideias. De acordo com Bachelard (1989, p. 36):

No sótão, vê-se a nu, com prazer, o forte arcabouço do vigamento. Participa-se da sólida geometria do carpinteiro.

No porão também encontraremos utilidades, sem dúvida.

Enumerando suas comodidades, nós o racionalizamos. Mas ele é a princípio o ser obscuro da casa, o ser que participa das potências subterrâneas.

No sótão, por estar no alto e possuir luminosidade, conseguimos pensar de forma clara. É um lugar para racionalizar, buscar soluções. Também o porão pode ser um refúgio para os nossos problemas, mas nesse espaço temos mais dificuldades em resolver nossos conflitos. Assim, o que mais se destaca nessa obra são os pares dialéticos de *topos*. O alto x baixo, simbolizados através do porão e do sótão e os efeitos de sentidos conferidos neles, peculiares aos conflitos íntimos do protagonista Adam/Adão.

Podemos verificar na história de, o eixo horizontal. Nessa coordenada encontramos outros efeitos de sentidos peculiares a *Pão cozido debaixo de brasa*. Nessa obra verificamos o que Borges Filho (2007, p. 57) explica como eixo horizontal-frontal, que “é formado pelos polos da frontalidade: diante x atrás”. O narrador utiliza-se desse recurso na construção do texto.

Encontramos a horizontalidade representada através do percurso espacial da protagonista Felipa. “Cai uma escuridão forte em alguns becos e por isso Felipa diz que vão em busca da luz. (JORGE, 1997, p. 35).” Nas ruas e avenidas da cidade de Goiânia ela constrói suas experiências, seus devaneios buscando a luz azul. Essa constante transitoriedade sempre em busca de transpor-se para o lugar melhor, onde as personagens imaginam encontrar soluções para sua vida, algo que ilumine a escuridão em que eles se encontram. Ela passa as noites recolhendo sucatas ao lado de seu marido. Eles empreendem uma árdua busca pelo sustento de sua família. No plano concreto o percurso espacial empreendido pelo casal revela sua transitoriedade, já que eles deslocam-se pela cidade em função de seu trabalho. Também representa suas buscas, suas vicissitudes, suas privações.

É no eixo espacial horizontal frontal em que acontecem seus anseios, suas angústias, suas misérias, de acordo com o que vemos no trecho a seguir: “Deviam caminhar outra vez, dentro de uma noite infinita. Era preciso que continuassem a puxar o carrinho, arrastar suas vidas, não mais se lembrar dos sonhos. A realidade já era o bastante.” Nessa passagem as personagens se movem. A sensação é a de que a noite, a escuridão, as penúrias serão condições fixas das personagens, a noite é infundável. O narrador reforça a ideia de constante deslocamento quando diz que eles irão tornar a caminhar. Mas essa caminhada será árdua, não facilita a caminhada pelas ruas, nem por

seus sonhos. Ao deslocarem de um lugar para outro eles carregam consigo a certeza de uma realidade dramática.

A linguagem

O léxico com termos espaciais dialéticos constitui o universo desse romance, através da dialética dos espaços, das distâncias e proximidades.

Borges Filho (2007, p.122) considera também a linguagem importante para a construção da espacialidade no texto literário. Ele afirma que nesse sentido, interessamos analisar o espaço discursivo do narrador e/ou personagem, determinado quando o momento do discurso possibilita identificar a sua localização, através da noção do eu-aqui.

As coisas, os objetos, os espaços são arquitetados no texto através da linguagem. Através dela damos vida ao texto fictício, tecemos a história, o enredo, caracterizamos os espaços presentes no texto. O narrador deve formular estratégias para construir a espacialização, para tanto ele utiliza-se de “[...] uma série de recursos, mediante os quais seja possível, sem comprometer o fluxo dos eventos, introduzir o cenário, o campo onde atuam as personagens. (LINS, 1976, p. 80)”. Um dos recursos que o narrador pode lançar mão é a linguagem. Através dos vocábulos que estão organizados no texto, posiciona a personagem na obra literária possibilitando a elas transitarem pelos espaços que formam a narrativa. Provocando a impressão de movimento e deslocamento.

Joachim (2007, p.7) explica que há também uma transitoriedade espacial dialética no plano cósmico “[...] Noite/dia, Céu/Terra, Lua/Sol, Cidade/Subúrbio, Língua daqui/ Língua de lá [...]”. A essa proposição de Joachim estabelecemos analogia ao plano espacial, já que ele utiliza-se de uma terminologia que nos remete a alguns dos espaços característicos dessa obra.

Felipa, num segundo, poderia sobrevoar tudo aquilo e cair em **outro terreno**, endireitar o xale sobre os ombros, erguê-los com altivez, e partir **dali**. **Caminhar** pelos **arredores** da **cidade**, que a cidade vista do **alto** continuava bonita e nova e arborizada. Mas Felipa não subira nas nuvens, não saíra do **lugar**. E a cidade punha-se de pé, amedrontada, e podia-se ler, **para um lado** e **para outro** dos muros, algumas frases pixadas durante a noite: – Césio 137 – outubro – 1988. A luz que mata. (JORGE, 1997, p. 205, grifos nossos)

Os termos em destaque caracterizam a espacialidade e a vivacidade dessa passagem. Com essas palavras o narrador caracteriza os sentimentos de Felipa acerca do espaço em que ela se encontra e também a localiza. O outro lado, os arredores da cidade representa o impasse entre cidade/subúrbio, o aqui e lá. Com a visão do alto temos a vista panorâmica, a impressão de distância, fuga da realidade, portanto a beleza da cidade. Contudo a cidade se impõe, a realidade sobressai ao sonho, a negatividade espacial torna a ser intrínseca. Os vocábulos que compõe essa espacialidade são responsáveis por estas impressões acerca da localização da personagem.

A espacialidade de *Pão cozido debaixo da brasa* é bastante relevante, pois a impressão de movimento e deslocamento espacial é constante. Isso se dá através também da sua linguagem composta por termos como, alto e baixo, frente e atrás. Há a sensação ora de aproximação ora de distanciamento, temos o posicionamento aqui (eu) e lá (outrem). As personagens sempre se movimentam de dentro para fora, de aqui para lá e vice-versa:

– Adam, não sabe que o procurei por **toda parte**?

Havia mais força naquela voz, naqueles olhos claros, que lhe pediam para olhá-la **de frente**.

– Adam, olhe para mim.

Mas seu olhar caiu para **outro lado**, aventurando-se em outro **espaço**. (JORGE, 1007, p. 22, grifos nossos)

Neste trecho Ziza procura por seu filho, Adam, pelas dependências da casa. Os termos em destaque demonstram a espacialidade da cena. O narrador explicita através das expressões o posicionamento das personagens o jogo de movimentos opostos. Ao mesmo tempo demonstra que a mãe está em um canto da casa posicionada **de frente** a Adam ao passo que a reação do adolescente é distanciar-se dela, desviando seu olhar para **outro lado**. No outro núcleo espacial também se percebe essa relação:

– **Onde** você está, João Bertonlino?

– **Na Avenida Araguaia**. E você, Felipa?

– **Na Avenida Tocantins**.

– Eu **desço** a Araguaia.

– Eu **subo** a Tocantins.

– Eu estou sem os remos. Remo com os pés nesta grande avenida. Remo com os faróis dos olhos, sem rumo certo.

– Eu subo a Tocantins, abrindo-a com as mãos, feito uma loba.
(JORGE, 1997, p. 91, grifos nossos)

Nessa passagem a localização geográfica é transposta no texto com caráter de duplicidade e oposição. Cada personagem encontra-se em um espaço diferente, um na Avenida Araguaia e o outro na Avenida Tocantins. Os locais encontrados no texto literário remetem ao universo extratextual, já que as avenidas Araguaia e Tocantins existem na realidade. A direção que cada um toma também é dialética, cada um direciona-se para um lado oposto ao outro. Enquanto João Bertolino desce uma avenida, Felipa sobe a outra e assim por diante. Esse deslocamento é perceptível através do léxico escolhido pelo narrador, esse é um trecho em que ele afirma e reafirma a localização e, por conseguinte a espacialidade da cena. Eles não caminham, mas sim remam, portanto, a mobilidade está comprometida, lenta. Note-se que a incerteza dos caminhos que as personagens transitam indica também sua instabilidade vivencial.

Conclusão

Está presente em *Pão cozido debaixo de brasa*, uma estrutura espacial que se entrelaça de acordo com a fruição da narrativa. Cada uma com características dialéticas, isto é, ocorre na maioria das vezes a partir de dois polos contraditórios que também oferecem sentidos contrapostos. Tanto Adam quanto Felipa sempre anseiam em transpor-se para lugares melhores do que eles se encontram. Os espaços são constituídos através do recurso de distanciamento e também por aproximação, já que no âmbito concreto encontramos disparidades na construção espacial, todavia no ponto de vista sentimental a relação dos espaços com as personagens são similares.

O núcleo espacial de Adam/Adão apresenta a coordenada espacial voltada para o eixo vertical. Seus espaços são predominantemente fechados e restritos, o ambiente é organizado, limpo, portanto a espacialização deste núcleo apresenta características diferentes dos espaços da história de Felipa.

Este por sua vez, apresenta sua espacialidade voltada para o eixo horizontal frontal. As ruas, as avenidas onde as personagens transitam. Nesse enredo os espaços são, portanto, abertos e vastos e ainda apresenta a desorganização, o entulho, o lixo que fazem parte do universo de suas personagens.

Isso é passível de verificar-se no texto também através da sua linguagem que além da estrutura também revela efeitos de sentidos duplos. O estar em determinados espaços e ao mesmo tempo o desejar transpor-se dele. O anseio de fugir da realidade em que

vivem e ir para espaços melhores. Esse conflito por sua vez revela os sentimentos peculiares à condição das personagens da obra em foco, como, os anseios, a angústia a solidão, o medo, entre outros. Em contrapartida com o que desejam conquistar a felicidade, as paixões.

Dessa forma o romance desvela a realidade de um povo constituído pelas adversidades e que anseia em transpor-se para um lugar melhor. A obra é construída através de temas como a angústia, a miséria, esperança e libertação, formando nesta obra o fio condutor de caráter universal capaz de ultrapassar as fronteiras do tempo e do espaço.

Nas duas histórias, de acordo com os lugares tomados como foco de análise para este trabalho, na casa e na cidade, prevalece a relação negativa, ou seja, topofóbica, entre personagem e espaço.

Bibliografia

- BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- BORGES FILHO, Ozíris. **Espaço e literatura** - introdução a Topoanálise. Franca, São Paulo: Ribeirão Gráfica e Editora, 2007.
- CHEVALIER, Jean. GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012.
- FRANK, Joseph. A forma espacial na literatura moderna. Trad. Fábio Fonseca de Melo. **Revista USP**, São Paulo, n. 58, jun-ago, 2003.
- JORGE, Miguel. **Pão cozido debaixo da brasa**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2004.
- LINS, Osman. **Lima Barreto e o espaço romanesco**. São Paulo: Ática, 1976.